

## 9.

### A LITERATURA ARTÍSTICA PARA QUEM?

Talvez por conta da tradição de transmitirmos os significados de nossas práticas sociais de geração para geração, temos a tendência de imprimir um efeito de imutabilidade ou de permanência, um valor de continuidade, às coisas que criamos ou às noções que produzimos. O livro – o objeto – e a literatura – a prática social – são partes dessa tradição.

Entre os profissionais da arte, a literatura artística tinha uma dupla função social: ao mesmo tempo em que servia de base para que os leigos pudessem se inteirar sobre as práticas profissionais dos artistas, ela também conformava essas práticas a um *habitus* coletivo de uma categoria profissional. Associados a outros documentos históricos, outros códigos do exercício da profissão – muitos deles orais –, e não esquecendo as próprias obras, temos uma janela aberta para uma possível definição do que é a arte e, com isso, fundarmos uma teoria da arte.

O início da redação e impressão dos escritos sobre isso que hoje denominamos arte é datada, situa-se no final da Idade Média. Primeiramente, foi exercida pelos membros dessa categoria profissional (os artistas) e tinha como fim duas vertentes principais: i) a democratização das receitas técnicas de ateliê entre os pares; e ii) a manutenção de reciprocidade com a comunidade leiga, que ignorava detalhes sobre os

processos de “criação”<sup>77</sup> desse ramo de atividade profissional. Depois, foi recebendo colaborações de literatos ou dos humanistas em geral e, mais tarde, somada aos escritos que existiam na Antiguidade clássica, formando um todo coerente. No final da Idade Média<sup>78</sup> essas relações entre diferentes categorias profissionais, especialmente os literatos e os pintores, eram mais ou menos orgânicas, isto é, práticas ou intuitivas e de proximidade. Porém, com o passar do tempo, foram sendo desvinculadas dos processos coletivos que anteriormente a identificavam como assunto atinente apenas aos participantes do campo e burocratizadas em “receitas” ou fórmulas acabadas de como fazer arte. Portanto, é claro que essa literatura passou a ser uma espécie de alegoria ou metáfora da arte praticada pelos artistas, a verdadeira arte. Independentemente dessa situação esdrúxula, não há outra forma de entendê-la. Fora as próprias obras de arte, que são silenciosas, a única maneira de entender ou estudar a arte é pelo exame desses escritos.

77 O termo *criação* está entre aspas porque minha intenção é que o leitor possa distinguir que o artista do final da Idade Média não tinha a menor noção disso que hoje chamamos de *criação*. *Criação*, para ele, nada tinha de comum com invenção, ou com partir do zero para uma coisa absolutamente nova.

78 BAXANDALL, Michael. *Giotto et les humanistes. La découverte de la composition en peinture 1340-1450*. Paris: Éditions du Seuil, 2013.